

# MUSEU AO VIVO

Ano XIII - nº 21 - Fevereiro a Novembro de 2002



## Museu apresenta proposta de interdisciplinaridade para escolas

Página 3

### ENTREVISTA (S)



Foto: Paulo Marinho/Agência

Participantes do 13º Congresso do Comitê de Conservação do Conselho Internacional de Museus (icom-CC) conheceram os laboratórios de restauração do Museu do Índio. Durante a visita, José Carlos Levinho (no alto, à direita), diretor do Museu, conversou com Gina Gomes Machado (no alto, centro), gerente de projetos da área de cultura da Vitae, que apoiou a restauração das obras raras (à esquerda). Um visitante vê peças indígenas no microscópio do laboratório de papel e úmidos (embaixo, à direita). Confira detalhes do plano de conservação do Museu na entrevista com Ione Couto e Lúcia Bastos.



**Kusiwa é candidato a patrimônio da humanidade**

kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wojapi

Página 4

### ESPECIAL Os Homens-Pássaros

Página 4

## Museu ao vivo e em cores

Editado desde fevereiro de 1991 pela Comunicação Social do Museu do Índio/SACD, o jornal MUSEU AO VIVO sempre teve como objetivos estimular o interesse do público pelas culturas indígenas contemporâneas brasileiras e divulgar informações sobre o espaço cultural Museu do Índio. É com muita satisfação que apresentamos o novo projeto editorial da publicação.

Procuramos com a reformulação aprimorar a harmonia entre texto, imagem e cores. A proposta da mudança, no veículo, é levar a informação ao leitor de uma forma mais clara e atraente.

## MUSEU AO VIVO

Ano XIII - nº 21 - Fevereiro a Novembro de 2002

Editado pela Seção de Comunicação Social Serviço de Atividades Culturais e Divulgação/ SACD do Museu do Índio/ FUNAI

Presidente da Funai  
Arthur Nobre Mendes

Diretor do Museu do Índio  
José Carlos Levinho

Chefe do SACD  
Arilza de Almeida

Seção de Comunicação Social  
Cristina Botelho (Reg. Prof. 18.678)

Redação  
Cristina Botelho, Fabiane Chiesse,  
Rosângela Abrahão

Programação Visual  
Bernardo Lac

Tiragem  
5 mil exemplares

Rua das Palmeiras 55  
Botafogo – RJ CEP 22270-070  
comunicacao@museudoindio.org.br  
www.museudoindio.org.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza  
por conceitos em matérias assinadas  
ou entrevistas.



### Ione Couto e Lúcia Bastos

Em 2002, o Museu do Índio foi incluído na programação do XIII Congresso do Comitê de Conservação do Conselho Internacional de Museus (Icom-CC), um reflexo da nova proposta, já colocada em prática, que é pensar a conservação mais científicamente. Para falar sobre a concretização do atual projeto de conservação, conversamos com a museóloga Ione Couto, chefe do Serviço de Museologia, e com a museóloga conservadora Lúcia Bastos, responsável pelos Laboratórios de Conservação e Restauração.

#### MUSEU AO VIVO: Como estão organizados os acervos do Museu do Índio?

**Ione:** Existem três acervos no Museu do Índio – um museológico, com peças etnográficas, um arquivístico, com documentos textuais e audiovisuais, e um bibliográfico, com livros e periódicos. As peças etnográficas estão divididas em categorias dispostas em três reservas técnicas: uma exclusiva de cerâmica; outra de cestarias, armas e peças de madeira; e outra de plumária, adornos e tecidos. Duas delas, a de plumária e a de cestaria, passaram recentemente por obras de recuperação física.

#### Qual é a finalidade dessas obras?

**Ione:** O objetivo principal é a instalação de um programa que permite a monitoria automatizada das condições de umidade e temperatura das reservas. A instalação do programa, no entanto, exige que o ambiente esteja fisicamente correto. Por isso fizemos essas obras. Revestimos paredes e pisos com cerâmica para acabar com a umidade, refizemos portas e janelas para funcionarem como isolante térmico, reorganizamos a parte elétrica e fizemos um rearranjo das peças para ampliar o espaço e garantir a circulação de ar. Não basta instalar um sensor, é preciso preparar a reserva para receber o programa.

#### De que forma a instalação do programa contribui para a conservação dos acervos?

**Ione:** Antes da instalação do programa, as reservas técnicas, com exceção da de cerâmica, tinham que ser monitoradas mecanicamente. Três vezes por dia, um funcionário verificava se as condições de umidade e temperatura estavam adequadas. Agora, esta monitoria será automatizada. O acompanhamento das condições de ambiente das reservas será mais

constante e preciso. Além disso, o próprio público poderá checar as condições de temperatura e umidade das reservas através do site do museu, o que lhe confere mais credibilidade quanto ao tratamento dado aos acervos.

#### Como surgiu a idéia de se ter um laboratório de papel e um de úmidos no próprio museu?

**Lúcia:** Até o início do ano, as 14 mil peças do acervo etnográfico eram as únicas que contavam com um laboratório específico. Com o início da restauração das obras raras da biblioteca, projeto que tem apoio da Vitae, houve a necessidade de se ter mais equipamentos e, portanto, mais espaço. Foi daí que nasceu o laboratório de papel. O Museu do Índio tem ainda um laboratório de úmidos, usado quando a intervenção com água se faz necessária. Os três laboratórios têm equipamentos que servem para todos os acervos.

#### Qual é o tratamento que as peças recebem nos laboratórios de restauração?

**Lúcia:** No laboratório etnográfico, a primeira coisa a fazer é examinar a peça. Depois, faz-se o diagnóstico, que determina o tratamento mais adequado. A peça é desinfestada quando ela tem fungos ou insetos. A técnica mais utilizada é a submissão da peça a baixas temperaturas em um freezer, que causa menos danos à peça e ao conservador porque não contém produtos químicos como a câmara de fumegação. A higienização é a limpeza feita com água ou pincéis. Quando uma peça precisa ser refeita, faz-se uma obturação. Nesse caso, é preciso avaliar se existem os materiais específicos para reconstituir a peça.

#### O que muda no Museu do Índio com o funcionamento dos novos laboratórios?

**Lúcia:** Não estamos preocupados somente com o bom estado das peças ou com a utilização que os índios poderão fazer delas. É também importante que a noção de conservação seja levada a todos os funcionários. A idéia é convidar profissionais de fora para dar palestras para os funcionários do Museu e discutir com os Serviços a busca de soluções. Os laboratórios do Museu do Índio poderão se tornar referência para instituições que queiram trazer suas obras para serem tratadas aqui. A própria inclusão do Museu na programação do Icom é uma forma de ele ser reconhecido internacionalmente na área de conservação.

Integrar as diversas áreas do conhecimento. Dentro dessa proposta de interdisciplinaridade, o Museu do Índio apresenta o seu novo projeto educativo: desenvolver as suas atividades junto a diversas disciplinas. Assim, professores de várias áreas podem recorrer à cultura material indígena – os objetos exibidos no Museu do Índio – como suporte para as aulas de Artes, Música, Ciências, Geografia, História e até mesmo Matemática.

Professores e alunos costumam a se lembrar dos índios somente no Dia do Índio (19 de abril) ou quando a imprensa noticia alguma tragédia envolvendo tribos brasileiras. No entanto, através do conhecimento de seus costumes, o público constata que a questão indígena é atual. As tramas, cores e formas dos objetos indígenas podem inspirar os alunos para as aulas de Arte, Matemática e Ciências. O Museu do Índio não está voltado apenas para a área de História. Professores de outras disciplinas também podem trabalhar seus conteúdos enquanto visitam a exposição. Visitas temáticas já estão acontecendo no Museu do Índio.

– O material é riquíssimo e os professores não devem se prender ao Dia do Índio para discutir a cultura indígena. Com essa visão segmentada, o trabalho fica muito empobrecido. A cultura indígena faz parte da cultura brasileira. Não devemos mostrar os índios como algo isolado e, sim, como parte integrante do universo brasileiro – afirma Nancy Rabelo, professora de Educação Artística do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro – CEFET, que, freqüentemente, leva suas turmas ao Museu do Índio.

### Os diferentes modos de visitar a exposição

A mostra “*Tempo e Espaço na Amazônia: os Wajápi*”, no Museu do Índio, apresenta objetos, sons, imagens e conhecimentos do patrimônio cultural Wajápi (AP). São nove salas de descoberta. Na sala “A dança dos peixes”, o professor de Música encontra condições para trabalhar o universo musical indígena. Sons de quatro flautas diferentes, utilizadas em festas coletivas (do milho, da onça, do papa-mel e orquestra de flautas turé) despertam a curiosidade das crianças que têm muito interesse por temas ligados aos usos e costumes, como exemplo, o vestuário e as festas. Elas compreendem essas diferentes manifestações culturais através de sua própria vivência.

Na “Arte Gráfica”, desenhos produzidos por jovens e adultos podem ser

analizados do ponto de vista do professor de Educação Artística: a importância dessas composições na organização da vida de um grupo. Lembrando, também, que, nas tramas desses desenhos, os alunos identificam formas que ajudam a aprender Geometria, como círculos, quadriláteros e triângulos. A vestimenta e os ornamentos exibidos trazem informações

desenhos são pontuais, outros mais retilíneos, rendendo uma aula sobre o uso das retas. Outra questão interessante a ser mostrada aos alunos é a utilização de recursos e de suportes naturais, evidenciando uma tecnologia ligada à natureza. Os índios utilizam o próprio espaço em torno deles como local para a extração de material”, explica a professora Nancy Rabelo.

Chegando à sala dos “Conhecimentos”, aprender Ciências e Geografia fica mais interessante com o “livro do conhecimento”, composto de desenhos que ilustram o saber transmitido através das gerações, relativo à convivência com a floresta. Esse conhecimento do espaço permite uma utilização dos recursos com a preservação do ambiente. A mostra apresenta as formas de trabalho desenvolvidas pelos Wajápi em cada uma das estações do ano e o ciclo de ocupação de roças, pátios, aldeias e capoeiras.

### Fontes

Revista *Nova Escola* – Edição Especial dos PCN de 5ª a 8ª série

Revista *Nova Escola* – Edição Especial dos PCN de 1ª a 4ª série

Revista *Nova Escola* – Edição de junho/julho de 2001 Ano XVI Nº 143

**Informações** pelo telefax (21) 2286-8899, ramais 238, 239 e 215.

e-mail: [atividades@museudoindio.org.br](mailto:atividades@museudoindio.org.br)

### Visitas temáticas no Museu do Índio

**As visitas temáticas apresentam um recorte voltado para as disciplinas que o professor solicitar. Integram esse contexto alguns aspectos das culturas indígenas. No caso das desenvolvidas para alunos de Música e Artes, a ênfase é para a diversidade de formas e cores dos padrões gráficos e para a função social dos instrumentos musicais. No final, os professores recebem material de apoio. Na visita-descoberta de Música, por exemplo, é distribuída a partitura de uma canção Wajápi para ser trabalhada com a garotada em sala de aula.**

**Para Andréa Pratas, diretora e supervisora-geral da Creche Jardim Botânico – primeira escola a participar do projeto de interdisciplinaridade do Museu do Índio –, “essa visita é mais interativa do que a tradicional, despertando bastante a curiosidade e o interesse das crianças pelos conteúdos apresentados.” A professora elogiou também a equipe do Serviço de Atividades Culturais: “os monitores estavam bem preparados em relação ao conteúdo, à linguagem e ao ambiente”.**

**– Essa proposta de trabalho funciona como mais uma fonte para as tarefas do professor em sala de aula. Os 30 minutos gastos aqui, no Museu do Índio, renderão mais de um mês de atividades com desdobramentos junto a diversas áreas como arte, culinária, dança e linguagem – conclui Andréa.**

desses índios, fazendo com que os visitantes compreendam melhor a noção de diversidade.

“O grafismo é bastante diversificado com aspecto simbólico muito rico. Podemos trabalhar com os alunos, nessa sala, os conceitos de naturalismo e de abstração geométrica, além do ritmo, das formas e das diversas padronagens. Alguns



## Os Homens-Pássaros

### Museu do Índio prepara exposição internacional

A proposta partiu do Museu do Índio, do Centre Européen de Recherche et Développement Multimédia (CEREDEM) e do Musée d'Arts Africains, Océaniens, Amérindiens de Marseille (MAAOA) – organizar uma exposição internacional sobre artes e povos indígenas brasileiros. As três instituições enfrentam agora o desafio de coproduzir a mostra “Os Homens-Pássaros – Arte e Sociedade dos Índios do Brasil”. Homens-Pássaros era como os europeus, os primeiros viajantes, chamavam os habitantes da América do Sul no século XVI por conta do uso de plumária.

A exposição deve ser inaugurada no Museu do Índio até o início de 2004, indo depois para Brasília e São Paulo. No ano seguinte, “Os Homens-Pássaros” chega em Marselha, onde o Préau des Accoules, entidade ligada à Direção dos Museus de Marselha, realizará com as crianças atividades inspiradas no tema da mostra. A exposição poderá ser vista na capela da Vieille Charité, que abriga o MAAOA. Negocia-se também a ida da mostra para a Espanha, a Itália e Portugal.

O projeto pretende ainda transformar “Os Homens-Pássaros” em uma exposição virtual. Além da concepção de um WebSite, será produzido um DVDRom e o visitante virtual poderá explorar uma Web-TV. Já a exposição real contará com uma rede de computadores, permitindo o visitante acessar uma seleção de mil artefatos representativos das produções artísticas dos povos indígenas brasileiros.

### Versão Hipermídia

Pela primeira vez, o público terá acesso pela internet a um panorama representativo da diversidade da arte indígena. A exposição virtual reunirá tesouros de coleções do Museu do Índio, além de obras de outras instituições do Brasil e do exterior.

Os organizadores pretendem divulgar a riqueza das produções estéticas dos índios e oferecer dados etnográficos mais completos

sobre esses povos. Ao mesmo tempo em que manipula virtualmente as representações das obras apresentadas, o visitante pode também obter informações sobre a função e o papel dos objetos na cultura de origem. Textos de especialistas, fotografias, filmes e áudios contextualizam os artefatos e os povos.

A história das missões de Cândido M. da Silva Rondon e de Claude Lévi-Strauss e dos descobrimentos no âmbito das grandes navegações estarão presentes na mostra. “Os Homens-Pássaros” traz ainda rica iconografia com obras de Jean-Baptiste Debret, Nicolas Antoine Taunay e Carl Friedrich Philipp von Martius.

“Ao disponibilizar o contexto histórico dos objetos, além do contexto cultural, a exposição estará transformando a maneira usual de se ver os artefatos”, diz José Carlos Levinho, diretor do Museu do Índio. A mostra contribuirá ainda para que a riqueza e a sofisticação da Arte Indígena Brasileira sejam conhecidas internacionalmente.

### Versão infantil

O projeto da exposição “Os Homens-Pássaros” poderá ser escolhido para ser um dos programas educativos anuais do Préau des Accoules em Marselha. A entidade, criada em 1991 e dedicada às crianças, tem como objetivo sensibilizar um público jovem e fazê-lo descobrir o patrimônio através de atividades lúdicas. O que o Préau des Accoules faz é oferecer um primeiro contato com os museus e apresentar aos pequenos visitantes objetos autênticos, emprestados por diversas instituições. Através de um projeto em comum, as crianças brasileiras poderão participar no Museu do Índio das mesmas atividades que estarão sendo desenvolvidas em Marselha.

O Préau des Accoules desempenha um importante papel na socialização da criança, que aprende a reconhecer um lugar como um museu e também a se comportar adequadamente durante a visita a uma exposição. Essa experiência deve ser muito divertida para poder motivar outras visitas a museus e quem sabe, um dia, ao próprio Museu do Índio no Brasil.

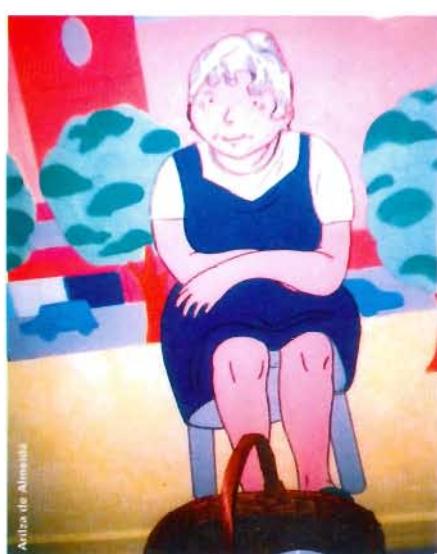
### Publicação Pataxó

O Museu do Índio lança em breve a publicação “Documentos Textuais do S.P.I.: Postos Indígenas Caramuru e Paraguaçu – Subsídios para pesquisa”. O volume marca a conclusão do inventário analítico da documentação, do início do século passado, reunida no arquivo do S.P.I. relativo aos Postos Indígenas Caramuru e Paraguaçu e dos Pataxó Hähähäe da Bahia. O trabalho, realizado pela equipe do Serviço de Estudos e Pesquisas liderada pela antropóloga Sônia Coqueiro, também será disponibilizado na Internet agilizando a consulta desse valioso material de pesquisa a partir de qualquer ponto do planeta. O projeto piloto vai servir de modelo para futura sistematização de outros conjuntos documentais do Fundo SPI.

### Kusiwa

Os povos indígenas do Brasil devem ganhar, em breve, um reforço importante na luta para garantir a propriedade intelectual de suas criações coletivas. Em 2003, a UNESCO vai anunciar a *Segunda Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade* à qual o Kusiwa, arte gráfica do grupo Wajápi, do Amapá, é o candidato brasileiro. A *Primeira Proclamação*, anunciada em 2001, listou 19 espaços ou formas de expressão culturais, entre eles a ópera Kungu, a mais antiga da China. Segundo a UNESCO, a apresentação de uma candidatura implica em compromissos concretos por parte de um Estado, incluindo planos detalhados para a conservação do bem proposto. A elaboração do dossiê de candidatura, intitulado “Expressão gráfica e oralidade entre os Wajápi do Amapá, Brasil”, esteve a cargo da professora Dra. Dominique Tilkin Gallois, sob a coordenação do Museu do Índio.

*Desenho Kusiwa. Jákare, Koretan Wajápi / 1983*



Álvaro de Almeida  
Desenho em tamanho natural usado no Préau des Accoules